instituto portalafro

EDIÇÃO Nº 0 · LANÇAMENTO
NOVEMBRO NEGRO · 2026
REVISTA DIGITAL SEMANAL



Parque Memorial Quilombo dos Palmares, Serra da Barriga (AL), 20 de novembro · Foto: Ministério da Cultura / CC BY 2.0



Zumbi, de Antônio Parreiras (1927), domínio público

QUILOMBO

Portal Afro *Hub*

ESPECIAL 20 DE NOVEMBRO

Do 13 de maio ao *20 de novembro*: a data que o povo negro escolheu

Como um grupo de Porto Alegre, em 1971, mudou o calendário do Brasil, e o que ainda falta mudar.

1857
A greve negra que parou Salvador

Marchas 2026
O que está confirmado e o que ninguém contou

Ouro e sal
As rotas dos reinos africanos

Para empresas
As leis que desenharam a desigualdade

NESTA EDIÇÃO

Sumário

• **Editorial e expediente** 3
Por que uma revista semanal, e como ela é feita.

• **Os símbolos desta edição** 4
Oito símbolos adinkra e o que cada um quer dizer.

01 **O primeiro feriado nacional** 5
20 de novembro de 2024: a Lei 14.759/2023 chega ao calendário de todo o país.

02 **Como se construiu o 20 de novembro** 8
Do "não ao 13 de maio" do Grupo Palmares (1971) ao Movimento Negro Unificado (1978) e às leis de hoje.

03 **Marchas e atos de novembro de 2026** 12
Levantamento com fontes: o que está confirmado e por que não existe um número oficial de público.

04 **1857: a greve negra que parou Salvador** 15
Os ganhadores cruzam os braços, e uma linha do tempo das lutas negras no Brasil.

05 **Ouro, sal e livros** 20
As rotas comerciais de Gana, Mali, Songhai e Kongo antes da colonização.

06 **Afroempreendedorismo e a Lei da Vadiagem** 23
Os números de hoje (Sebrae, IBGE, Locomotiva) e a lei que prendia quem não tinha patrão.

07 **Terra para uns, cadeia para outros** 27
Lei de Terras, imigração subsidiada e a política de branqueamento.

• **Para empresas: as estruturas que ficaram** 30
O que cada lei deixou de herança, e o que uma empresa pode fazer agora.

• **Agenda do Novembro Negro 2026** 31
As datas da programação nacional.

• **Leia no acervo do Portal Afro** 33
As matérias do portal citadas nesta edição.

• **Quilombo Portal Afro Hub** 34
Como participar, apoiar e mandar sua matéria.

CARTA DE ABERTURA

Olhar para trás para *ir mais longe*



Sankofa

O Portal Afro existe desde 2000, e o Instituto Portal Afro, desde 2004. São mais de duas décadas contando a história, a cultura e as lutas do povo negro brasileiro. Nesse tempo, juntamos um acervo de mais de mil matérias. Esta revista nasce para pôr esse acervo em movimento, toda semana.

A edição nº 0 sai no Novembro Negro de 2026, o terceiro ano em que o 20 de novembro é feriado em todo o país. Escolhemos começar pela pergunta mais simples: **de onde veio esse dia?** A resposta passa por um grupo de jovens em Porto Alegre, por uma assembleia em Salvador, por décadas de marchas e por leis que só chegaram muito depois.

Também quisemos ir mais fundo. Contamos a greve dos ganhadores de 1857, em Salvador, quando trabalhadores negros pararam a cidade. Voltamos aos reinos africanos que comerciavam ouro, sal e livros séculos antes da colonização. E colocamos lado a lado duas políticas do Brasil do século XIX: a lei que prendia o negro "vadio" e a lei que pagava a viagem e ajudava a instalar o imigrante europeu.

Esse contraste é o recado desta edição para empresas e gestores. A desigualdade de hoje não é acaso nem mérito: ela foi escrita em leis, com número e data. Conhecer essas leis é o primeiro passo para desfazer o que elas deixaram.

Uma regra guia esta revista: **não inventamos dados, datas nem citações**. Cada número tem fonte, listada no fim de cada matéria. Quando não existe número oficial, como no público das marchas deste ano, dizemos isso com todas as letras.

O símbolo desta carta é o Sankofa: o pássaro que voa para frente com a cabeça voltada para trás. Boa leitura, e até a próxima semana.

Instituto Portal Afro

EXPEDIENTE

Portal Afro Hub é a revista digital semanal do Instituto Portal Afro e do Quilombo Portal Afro Hub.

Edição nº 0 · Lançamento · Novembro Negro, novembro de 2026. Dados conferidos até 13 de novembro de 2026.

Publicação: Instituto Portal Afro, organização social que, desde 2004, conta e celebra a cultura negra brasileira.

Textos e pesquisa: Redação Portal Afro Hub, com apoio de ferramentas de inteligência artificial e conferência de cada fonte citada.

Citações do acervo: trechos curtos de matérias do portalafro.com.br, com autoria e link.

Arte: símbolos adinkra redesenhados para esta edição. Nenhuma imagem representa pessoa real.

Contato: portalafro.com.br/contato · instagram.com/portalafro · youtube.com/@PortalAfro

GUIA DE LEITURA

Os símbolos *desta edição*

Os adinkra são símbolos dos povos akan, de Gana e da Costa do Marfim. Cada um guarda um provérbio ou um valor. Nesta revista, cada matéria abre com um deles.



Sankofa

"VOLTE E PEGUE" · EDITORIAL

Aprender com o passado para construir o futuro. Não é errado voltar atrás para buscar o que foi esquecido.



Adinkrahene

"CHEFE DOS ADINKRA" · MATÉRIA 1

Grandeza, carisma e liderança. Diz-se que é a base do desenho de muitos outros símbolos.



Nkyinkyim

"TORÇÃO" · MATÉRIA 2

Iniciativa, dinamismo e capacidade de se adaptar. O caminho da vida é cheio de curvas.



Nkonsonkonson

"ELOS DA CORRENTE" · MATÉRIA 3

União e responsabilidade coletiva. Juntos, os elos são mais fortes do que sozinhos.



Dwennimmen

"CHIFRES DE CARNEIRO" · MATÉRIA 4

Força e humildade juntas. O carneiro enfrenta o adversário, mas sabe a hora de se curvar.



Adinkrahene

RETORNA · MATÉRIA 5

Volta para abrir a matéria sobre os reinos de Gana, Mali, Songhai e Kongo.



Aya

"SAMAMBAIA" · MATÉRIA 6

Resistência e perseverança. A samambaia cresce em lugares difíceis, onde outras plantas não crescem.



Eban

"CERCA" · MATÉRIA 7

Segurança e proteção do lar. A cerca guarda a casa e a família; quem não tem terra, não tem cerca.



Akoma

"O CORAÇÃO" · SEÇÃO PARA EMPRESAS

Paciência e tolerância. Ter coração para aguentar, sem deixar de cobrar mudança.

FONTES Os significados seguem o dicionário de W. Bruce Willis, *The Adinkra Dictionary: A Visual Primer on the Language of Adinkra* (Washington: The Pyramid Complex, 1998). Sobre o Sankofa no Brasil, leia também "A grade do meu portão", de Denilson de Paula Costa, no Portal Afro (29/01/2024). Os desenhos desta página são versões simplificadas feitas para a revista.



MATÉRIA 1 · O PRIMEIRO FERIADO NACIONAL

Serra da Barriga, *20 de novembro*

Celebração do Dia da Consciência Negra no Parque Memorial Quilombo dos Palmares, em Alagoas. Segundo o Ministério da Cultura, cerca de cinco mil pessoas passaram pelo parque nesse dia.

Foto: Ministério da Cultura / CC BY 2.0

MATÉRIA 1

20 de novembro de 2024: *o primeiro feriado de todo o Brasil*



Adinkrahene: grandeza e liderança

Depois de mais de cinquenta anos de luta, o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra passou a ser feriado em todo o território nacional. A primeira vez foi numa quarta-feira.

Em 21 de dezembro de 2023, o Brasil ganhou uma lei de um artigo só que mudou o calendário do país. A Lei nº 14.759 diz, no artigo 1º: "Fica declarado feriado nacional o dia 20 de novembro, para a celebração do Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra."

A data já existia no papel. Desde 2011, a Lei nº 12.519 tinha instituído o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, lembrado no dia 20 de novembro, "data do falecimento do líder negro Zumbi dos Palmares". Mas era uma data comemorativa, não um feriado. Quem decidia se o comércio fechava eram os estados e as cidades, cada um com sua lei.

Por isso, até 2023, o mapa do 20 de novembro era uma colcha de retalhos. Em São Paulo, por exemplo, o feriado estadual só foi sancionado em 22 de setembro de 2023, como registrou o Portal Afro na época.

> *"Agora, o dia 20 de novembro é feriado em todo o estado."*
>
> Clarice Tatyer, "Dia da Consciência Negra é sancionado como feriado estadual em São Paulo", Portal Afro, 22/09/2023

A primeira vez

O primeiro 20 de novembro com feriado nacional caiu numa quarta-feira, em 2024. Em 2025, foi numa quinta. Em 2026, cai numa sexta-feira, o que forma um fim de semana prolongado.

Para quem trabalha no comércio, na limpeza urbana e nos serviços, o feriado nem sempre é folga. O colunista Denilson de Paula Costa lembrou isso no Portal Afro, dois dias antes do primeiro feriado nacional.

> *"Para muitos, a labuta diária não tem feriado; as contas não esperam."*
>
> Denilson de Paula Costa, "O Negro na Labuta no Feriado de 20 de novembro", Portal Afro, 18/11/2024

EM QUE DIA DA SEMANA CAI O FERIADO

2024	2025	2026	2027	2028
quarta-feira · o primeiro	quinta-feira	sexta-feira	sábado	segunda-feira

Por que Zumbi, por que 20 de novembro

Zumbi foi o último grande líder do Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, onde hoje é Alagoas. Palmares resistiu por quase todo o século XVII. Zumbi foi morto em 20 de novembro de 1695. A data da morte virou data de luta: em vez de lembrar a assinatura de uma princesa, o movimento negro escolheu lembrar quem lutou pela própria liberdade.

O feriado nacional não é o fim dessa história. Ele é uma conquista de várias gerações, e a próxima matéria conta quem foram essas pessoas.

O que o feriado trouxe junto

A lei do feriado chegou num período de outras medidas. Em 20 de novembro de 2023, o governo federal criou o Programa Federal de Ações Afirmativas (PFAA), pelo Decreto nº 11.785, para ampliar direitos e oportunidades de pessoas negras, quilombolas, indígenas, mulheres e pessoas com deficiência no serviço público federal.

Em 2026, o Ministério da Igualdade Racial abriu o Novembro Negro com o tema "Brasil pela Igualdade Racial: o legado para o futuro". A agenda prevê o lançamento dos planos de ação do PFAA, a audiência pública do 2º Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Planapir) e um pacote de iniciativas para comunidades quilombolas. Veja as datas na página 23.

> *"Em outras palavras, combater o racismo exige mais do que campanhas de conscientização. É necessário desenvolver políticas públicas capazes de produzir mudanças mensuráveis na vida das pessoas."*
>
> Mariana Nascimento, "Novembro Negro 2026: confira a programação do Ministério da Igualdade Racial", Portal Afro, 02/11/2026

Feriado é memória, e memória é trabalho

Um feriado nacional obriga o país inteiro a parar e lembrar. Mas lembrar não é só descansar. Escolas, empresas, prefeituras e igrejas têm no 20 de novembro uma chance de olhar para a própria história: quem trabalha ali, quem chega aos cargos de comando, quem fornece, quem é atendido.

A pergunta desta edição é a mesma que o movimento negro faz desde 1971: **o que a sociedade brasileira faz com o dia que tem?**

LINHA RÁPIDA

1695 · Zumbi é morto em 20 de novembro. **1971** · Grupo Palmares faz o primeiro ato do 20 de novembro, em Porto Alegre. **1978** · O MNU adota a data como Dia Nacional da Consciência Negra. **2003** · Lei 10.639 põe o 20 de novembro no calendário escolar. **2011** · Lei 12.519 institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. **2023** · Lei 14.759 declara o feriado nacional. **2024** · Primeiro feriado em todo o país.

FONTES

1. Brasil. Lei nº 14.759, de 21 de dezembro de 2023. Planalto.
2. Brasil. Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. Planalto.
3. Rodrigo Baptista. "Dia da Consciência Negra, 50 anos: liberdade conquistada, não concedida". Agência Senado, 18/11/2021.
4. Mariana Nascimento. "Novembro Negro 2026". Portal Afro, 02/11/2026 (Decreto nº 11.785/2023 e agenda do MIR).
5. Matérias do Portal Afro citadas nesta matéria, com link no texto.



MATÉRIA 2 · CAPA

Onde ficava *Palmares*

A Serra da Barriga, em União dos Palmares (AL), território do Quilombo dos Palmares, de Zumbi e de Dandara.

Foto: Mirla Dâmaso / CC BY-SA 4.0

MATÉRIA 2 · CAPA

“Não ao 13 de maio”: *como o povo negro escolheu a própria data*



Nkyinkyim: o caminho cheio de curvas

1971

Num clube negro de Porto Alegre, um grupo de jovens propôs trocar a data da Lei Áurea pela data da morte de Zumbi. Levou cinquenta e dois anos até a ideia virar feriado nacional.

Durante quase um século depois da abolição, a data oficial da população negra no Brasil foi o 13 de maio, dia em que a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, em 1888. A história contada nas escolas era a de uma liberdade “dada” pela Coroa.

O problema, para o movimento negro, estava no que veio depois. A lei tinha dois artigos e nenhuma medida para garantir terra, trabalho, escola ou reparação a quem tinha sido escravizado.

> *“A abolição ocorreu sem reparação, sem políticas de inclusão e sem garantia de dignidade para milhões de pessoas negras.”*
>
> Barbara Nascimento, “A verdadeira história do dia 13 de maio”, Portal Afro, 17/05/2026

> *“O dia depois do 13 de maio não é um dia de celebração, mas de reflexão.”*
>
> Denilson de Paula Costa, “O Dia Depois do 13 de Maio”, Portal Afro, 13/05/2025

Liberdade conquistada, *não concedida.*

Título da reportagem da Agência Senado sobre os 50 anos do Dia da Consciência Negra, de 18/11/2021.

Porto Alegre, 1971: o Grupo Palmares

Em 1971, em plena ditadura militar, jovens negros de Porto Alegre formaram o Grupo Palmares. Segundo a Agência Senado, estavam entre os fundadores Antônio Carlos Côrtes, Oliveira Silveira, Ilmo da Silva, Vilmar Nunes, Jorge Antônio dos Santos (o Jorge Xangô) e Luiz Paulo Assis Santos. O nome homenageia o Quilombo dos Palmares.

O grupo estudou a história de Palmares e chegou a uma conclusão: a data que merecia ser lembrada não era a da assinatura da Lei Áurea, mas a da morte de Zumbi, em 20 de novembro de 1695. Era uma data de luta, e não de concessão.

Na noite de 20 de novembro de 1971, o grupo fez o primeiro ato em homenagem a Zumbi no Clube Marcílio Dias, um clube social negro de Porto Alegre. O poeta Oliveira Silveira, um dos fundadores, ficou conhecido como um dos principais nomes dessa proposta. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) mantém um site sobre a vida e a obra dele.

A TROCA, EM UMA FRASE

Sai a data em que a liberdade foi assinada por outros. Entra a data em que se morreu lutando por ela.

Salvador, 1978: o Movimento Negro Unificado

A ideia saiu do Rio Grande do Sul e ganhou o país sete anos depois. Em 7 de julho de 1978, em São Paulo, um ato nas escadarias do Theatro Municipal lançou publicamente o movimento que ficaria conhecido como Movimento Negro Unificado (MNU). O protesto respondia à discriminação contra jovens negros num clube e à morte de um trabalhador negro sob tortura numa delegacia.

Ainda em 1978, numa assembleia em Salvador, o MNU decidiu adotar o 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra, segundo a Agência Senado. A filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez, uma das vozes centrais do feminismo negro brasileiro, esteve entre os fundadores do MNU, como lembra o Portal Afro.

Consciência negra: de onde vem a expressão

A expressão "consciência negra" dialoga com o movimento liderado pelo sul-africano Steve Biko contra o apartheid, nos anos 1970. A ideia não era só celebrar a cultura, mas formar uma consciência coletiva capaz de mudar as estruturas de poder. É por isso que, para o movimento negro, o 20 de novembro nunca foi só festa.

> *"A Consciência Negra nasce da transformação, não da vitrine."*
>
> Mariana Nascimento, "O que não é Consciência Negra", Portal Afro, 20/11/2025

Das ruas para as leis

Por mais de três décadas, o 20 de novembro foi mantido pelos próprios movimentos: atos, marchas, saraus, aulas públicas. A lei chegou devagar, uma etapa por vez.

POR QUE UM ATO EM 7 DE JULHO DE 1978

Duas violências daquele ano motivaram o ato no Theatro Municipal: a morte do feirante Robson Silveira da Luz, torturado numa delegacia de Guaianases, em São Paulo, e a proibição de quatro jovens atletas negros de treinar no Clube de Regatas Tietê. O ato reuniu entidades negras de vários estados e deu origem ao MNU.

Três leis, vinte anos

ANO	LEI	O QUE MUDOU
2003	Lei nº 10.639, de 9 de janeiro	Torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas e manda incluir o 20 de novembro no calendário escolar como "Dia Nacional da Consciência Negra".
2011	Lei nº 12.519, de 10 de novembro	Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, em 20 de novembro. Ainda não é feriado nacional.
2023	Lei nº 14.759, de 21 de dezembro	Declara o 20 de novembro feriado nacional. O primeiro foi em 2024.

Como está hoje

Em 2026, o 20 de novembro é feriado em todo o país pelo terceiro ano. A data entrou no calendário de empresas, escolas e governos. O Ministério da Igualdade Racial organiza um "Novembro Negro" com agenda nacional, e cidades de todo o Brasil fazem marchas, festivais e feiras (veja a matéria 3).

Mas o movimento negro segue fazendo a pergunta de 1971. A data foi conquistada; o que ela significa ainda está em disputa. Para muitos coletivos, o risco agora é o 20 de novembro virar só vitrine, com campanha bonita nas redes e nenhuma mudança dentro de casa.

> *"Marchar é continuar escrevendo a verdadeira história do Brasil."*
>
> Jader Nicolau Jr., "Marchas da Consciência Negra e a trajetória do povo preto no Brasil", Portal Afro, 12/12/2025

O processo de conscientização

A troca do 13 de maio pelo 20 de novembro foi, antes de tudo, um trabalho de educação. Ela mudou a pergunta: em vez de "quem libertou os escravizados?", o país passou a perguntar "quem lutou pela liberdade?". Essa mudança abriu espaço para nomes como Zumbi, Dandara, Luiz Gama, Luísa Mahin, o Dragão do Mar e tantos outros que a escola não ensinava.

A Lei 10.639/2003 levou essa pergunta para dentro da sala de aula. Mais de vinte anos depois, aplicá-la de verdade continua sendo uma das principais cobranças do movimento negro.

FONTES

1. Rodrigo Baptista. "Dia da Consciência Negra, 50 anos: liberdade conquistada, não concedida". Agência Senado, 18/11/2021 (Grupo Palmares, Clube Marcílio Dias, assembleia do MNU em Salvador).
2. UFRGS. Oliveira Silveira: "20 de Novembro".
3. Brasil. Lei nº 10.639/2003; Lei nº 12.519/2011; Lei nº 14.759/2023. Planalto.
4. Portal Afro. "Lélia Gonzalez: relembre uma das principais vozes do feminismo negro no Brasil" (Lélia como cofundadora do MNU).
5. Portal Afro. Matérias de Barbara Nascimento, Denilson de Paula Costa, Mariana Nascimento e Jader Nicolau Jr., com link no texto.



MATÉRIA 3 · LEVANTAMENTO

São Paulo, *20 de novembro*

Marcha da Consciência Negra em São Paulo, em 2014.

Foto: Romerito Pontes / CC BY 2.0

MATÉRIA 3 · LEVANTAMENTO

Quantos vão às ruas em 2026? *A resposta honesta: ninguém contou ainda*



Nkonsonkonson: os elos da corrente

Pesquisamos as marchas e os atos do Novembro Negro de 2026 até 13 de novembro. Achamos marchas confirmadas, festivais grandes e uma ferramenta oficial, mas nenhum número oficial de público.

O QUE SABEMOS E O QUE NÃO SABEMOS

Não existe, até o fechamento desta edição, um número oficial nacional de marchas e atos programados para novembro de 2026, nem de pessoas esperadas. Nenhuma das marchas confirmadas que encontramos divulgou estimativa de público. Por isso, esta revista não publica número de participantes para 2026.

O mapa oficial

O Ministério da Igualdade Racial (MIR) lançou em 3 de novembro de 2026 a quarta edição do **Mapa do Brasil pela Igualdade Racial**, uma plataforma em que estados, municípios, coletivos e organizações cadastram suas atividades do Novembro Negro. É a fonte oficial mais próxima de uma contagem. Até o fechamento, não encontramos total de 2026 divulgado. Como referência, o próprio ministério informou que, em 2025, o mapa passou de 300 ações cadastradas.

Quatro marchas confirmadas para 20/11

Encontramos em notícias publicadas em novembro de 2026 a confirmação destas marchas no dia 20, todas no interior de São Paulo. A lista não é completa: é o que estava publicado e pôde ser conferido.

CIDADE	MARCHA	CONCENTRAÇÃO	PÚBLICO
Jundiaí (SP)	Marcha da Consciência Negra · Prefeitura, Assessoria de Igualdade Racial	9h, Praça do Fórum, Centro	não divulgado
Araraquara (SP)	Marcha da Consciência Negra 2026 · tema “Mentes Negras, Grandes Descobertas”	9h às 12h, Parque Infantil, até a Praça Santa Cruz	não divulgado
Limeira (SP)	Marcha da Consciência Negra · Comitê Municipal de Fomento à Igualdade Racial (Comisin)	Praça Luciano Esteves, até a Praça Toledo Barros (horário a divulgar)	não divulgado
São Carlos (SP)	4ª Marcha pela Memória Negra · tema “Viver é lutar com destemor”	8h concentração, 9h saída	não divulgado

E as capitais?

São Paulo. A Prefeitura anunciou o Festival da Consciência Negra, com mais de 300 atrações gratuitas na região central na semana do dia 20. A Universidade Zumbi dos Palmares e a Afrobras promovem a Virada da Consciência, de 16 a 21 de novembro, com a Corrida e Caminhada da Consciência Negra no Pacaembu no dia 20 e o 26º Troféu Raça Negra. Sobre a tradicional marcha da Avenida Paulista, as chamadas que encontramos são de 2025, quando aconteceu a 22ª edição, com concentração em frente ao Masp e o tema "Zumbi e Dandara – 300 + 30 anos". A chamada de 2026 não estava publicada até o fechamento.

Salvador. O site Pelourinho Dia e Noite, da Prefeitura, anuncia a 45ª Marcha da Consciência Negra em 20 de novembro, às 14h, com concentração no Campo Grande. A página não informa o ano; confirme antes de sair.

Outras capitais. Não encontramos, até 13 de novembro, chamadas publicadas para marchas no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, em Porto Alegre ou no Recife. Isso não quer dizer que não haverá: muitos atos são divulgados na última semana, pelos próprios coletivos.

A maior referência recente

Para ter ideia da força das ruas, a referência mais próxima é de 2025. Em 25 de novembro de 2025, a **2ª Marcha das Mulheres Negras**, "por Reparação e Bem Viver", foi do Museu Nacional à Esplanada dos Ministérios, em Brasília. A Rádio Senado e o portal Alma Preta registraram mais de 300 mil participantes. As reportagens não dizem quem fez a contagem, e não encontramos estimativa da polícia. A primeira marcha nacional das mulheres negras foi em 18 de novembro de 2015.

> *"Não sem luta e não sem Marcha, conquistamos o SUS, os mutirões habitacionais, a Lei 10.639/03 e, recentemente, as cotas raciais na USP."*
>
> Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, em "Marcha das Mulheres Negras toma as ruas pelo terceiro ano consecutivo", Portal Afro, 24/07/2018

Como ajudar a contar

Se você organiza uma marcha, um ato ou uma roda, cadastre no Mapa do Brasil pela Igualdade Racial, no site do MIR, e mande para o Portal Afro em portalafro.com.br/mande-sua-materia. Na próxima edição, publicamos o balanço com o que foi registrado.

FONTES (consultadas em 13/11/2026)

1. Samara Santiago. "Governo lança novo mapa do Brasil pela igualdade racial". Notícia Preta, 04/11/2026.
2. Ministério da Igualdade Racial. "Mapa do Brasil pela Igualdade Racial passa de 300 ações cadastradas" (2025).
3. Rafaela Ferreira. "Mês da Consciência Negra em Jundiaí terá marcha". Tribuna de Jundiaí, 02/11/2026.
4. "Araraquara realiza Marcha da Consciência Negra". Porto Ferreira Hoje, 10/11/2026.
5. "Limeira confirma Marcha da Consciência Negra". Notícia de Limeira, 11/11/2026.
6. "Karol Conká será atração da 4ª Marcha pela Memória Negra". São Carlos Agora, 12/11/2026.
7. Georgia Santiago. "Virada da Consciência 2026". Mundo Negro, 11/11/2026.
8. Prefeitura de São Paulo, Secretaria de Cultura. "Circuito Festival Consciência Negra" e "Festival da Consciência Negra: primeiras atrações confirmadas".
9. CUT-SP. "Marcha da Consciência Negra reforça a luta dos trabalhadores negros", 14/11/2025.
10. Prefeitura de Salvador. "45ª Marcha da Consciência Negra". Pelourinho Dia e Noite.
11. Rádio Senado. "300 mil: mulheres negras em marcha por direitos", 11/12/2025; Alma Preta, "2ª Marcha das Mulheres Negras leva mais de 300 mil a Brasília", 26/11/2025.



MATÉRIA 4 · HISTÓRIA

Os *ganhadores*

Trabalhador escravizado no Rio de Janeiro, fotografado por Christiano Júnior em 1865. Trabalhadores de ganho como ele carregavam cargas pelas ruas das cidades brasileiras.

Foto: Christiano Júnior / domínio público

MATÉRIA 4 · HISTÓRIA

1º de junho de 1857: *o dia em que os ganhadores pararam Salvador*



Dwennimmen: força e humildade

Trinta e um anos antes da Lei Áurea, trabalhadores negros, escravizados, libertos e livres, cruzaram os braços contra uma lei da Câmara Municipal. Sem eles, a cidade não andava.

Na Salvador de meados do século XIX, quase tudo o que se movia nas ruas era carregado por homens negros. Eram os **ganhadores**: carregadores de cadeiras de arruar, de pipas de água, de sacos e caixas entre o porto e a cidade alta. Ganhavam por serviço, "ao ganho". Muitos eram escravizados que entregavam parte do dinheiro ao senhor; outros eram libertos ou livres. A maioria era africana, com forte presença dos nagôs (iorubás).

Eles se organizavam em **cantos**: pontos fixos da cidade onde cada grupo esperava o serviço, com um "capitão" escolhido pelos próprios trabalhadores. Mulheres negras, as **ganhadeiras**, vendiam comida e mercadorias em tabuleiros pelas ruas.

A postura de 1857

Em 1857, a Câmara Municipal de Salvador baixou uma postura, uma lei municipal, para controlar esses trabalhadores. Ela obrigava os ganhadores a se registrarem na Câmara, a pagarem um imposto para trabalhar e a usarem no pescoço uma **chapa** de metal com número, como identificação. Era, ao mesmo tempo, cobrança de imposto e controle policial.

A postura entraria em vigor em 1º de junho. Nesse dia, sem aviso, sem manifesto e sem petição, os ganhadores simplesmente não apareceram. Sem quem carregasse pessoas e cargas, o transporte da cidade parou.

> *"A greve durou dez dias, um tempo jamais cogitado pelos senhores escravocratas."*
>
> Emiliano José, "O dia em que a terra parou: a greve negra de 1857 na Bahia", Teoria e Debate, 15/09/2020

1º jun
1857, segunda-feira: o primeiro dia da greve

10 dias
de paralisação, segundo o relato de Emiliano José

31 anos
antes da Lei Áurea, de 1888

O resultado

A greve não foi uma vitória completa, mas foi uma vitória. Os ganhadores conseguiram derrubar o imposto: não precisariam pagar pela chapa, embora continuassem obrigados a usá-la. As regras de fiança para poder trabalhar também ficaram mais flexíveis.

O historiador João José Reis, da Universidade Federal da Bahia, reconstruiu esse episódio no livro *Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia* (Companhia das Letras, 2019). O trabalho mostra que a greve é considerada uma das primeiras grandes paralisações de trabalhadores do Brasil, feita por pessoas negras, muitas ainda escravizadas, décadas antes das greves operárias que os livros costumam citar como as primeiras.

Por que isso importa hoje

A greve de 1857 desmonta duas ideias comuns. A primeira é a de que o povo negro esperou a liberdade de braços cruzados. A segunda é a de que a história do trabalho no Brasil começa com os imigrantes europeus. Em 1857, quem parou uma das maiores cidades do país foram africanos e seus descendentes, organizados em cantos, com liderança própria.

A chapa no pescoço também diz muito. Registrar, numerar, cobrar e vigiar o trabalhador negro foi uma política. Ela vai reaparecer, com outro nome, nas leis contra a "vadiagem" (matéria 6).

Outras greves negras

A de Salvador não foi a única. Em 1881, em Fortaleza, os jangadeiros liderados por Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, se recusaram a levar pessoas escravizadas até os navios que as venderiam para o Sudeste.

> *"Eles se recusaram a transportar pessoas escravizadas até os navios. Sem esse transporte, o comércio praticamente parou no porto."*
>
> Mariana Nascimento, "Abolição da escravidão 4 anos antes da Lei Áurea", Portal Afro, 25/03/2026

Três anos depois, em 25 de março de 1884, o Ceará declarou o fim da escravidão em seu território, quatro anos antes da Lei Áurea.

GLOSSÁRIO RÁPIDO

Ganhador: trabalhador que vendia seu serviço na rua, por tarefa. **Canto:** ponto da cidade onde um grupo de ganhadores trabalhava junto. **Postura:** lei da Câmara Municipal. **Chapa:** placa de metal numerada, presa ao pescoço, para identificar o trabalhador. **Fiança:** garantia exigida para que o trabalhador pudesse se registrar.

FONTES

1. Emiliano José. "O dia em que a terra parou: a greve negra de 1857 na Bahia". Teoria e Debate, ed. 200, Fundação Perseu Abramo, 15/09/2020.
2. João José Reis. *Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Do mesmo autor, "A greve negra de 1857 na Bahia", *Revista USP*, n. 18, 1993.
3. Mariana Nascimento. "Abolição da escravidão 4 anos antes da Lei Áurea: 25 de março de 1884". Portal Afro, 25/03/2026.



LINHA DO TEMPO

Uma história *de luta*

Baianas na Marcha da Consciência Negra em São Paulo, em 2014.

Foto: Romerito Pontes / CC BY 2.0

LINHA DO TEMPO

Ações e lutas negras *no Brasil*

Uma seleção, não uma lista completa. Cada luta abaixo tem muitas outras ao redor.

1695
Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, é morto em 20 de novembro.

1835
Revolta dos Malês, em Salvador: africanos muçulmanos se levantam na noite de 24 para 25 de janeiro.

1857
Greve negra dos ganhadores para Salvador por cerca de dez dias, a partir de 1º de junho.

1881
Jangadeiros de Fortaleza, com o Dragão do Mar, recusam-se a embarcar pessoas escravizadas.

1884
O Ceará declara o fim da escravidão em 25 de março.

1888
Lei Áurea, em 13 de maio, sem terra, escola nem reparação.

1910
Revolta da Chibata, no Rio de Janeiro, liderada pelo marinheiro João Cândido, contra os castigos físicos na Marinha.

1931
Fundação da Frente Negra Brasileira, em São Paulo.

1944
Abdias Nascimento cria o Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro.

1971
Grupo Palmares faz o primeiro ato do 20 de novembro, em Porto Alegre.

1978
Ato nas escadarias do Theatro Municipal de São Paulo lança o Movimento Negro Unificado.

1988
A Constituição define o racismo como crime inafiançável e imprescritível (art. 5º, XLII).

1995
Marcha Zumbi dos Palmares, contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, em Brasília, nos 300 anos da morte de Zumbi.

2003
Lei 10.639: história e cultura afro-brasileira obrigatórias nas escolas.

2010
Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288).

2012
Lei de Cotas nas universidades e institutos federais (Lei 12.711).

2015
1ª Marcha das Mulheres Negras, em Brasília, em 18 de novembro.

2024
Primeiro 20 de novembro com feriado nacional (Lei 14.759/2023).

2025
2ª Marcha das Mulheres Negras, por Reparação e Bem Viver, em Brasília, em 25 de novembro.

FONTES Agência Senado (link na matéria 2); Fundação Perseu Abramo (link na p. 13); Portal Afro, matérias citadas nas pp. 12 e 13; Brasil, Constituição Federal de 1988, Lei 12.288/2010 e Lei 12.711/2012; Alma Preta e Rádio Senado (links na p. 11).



Atlas Catalão, c. 1375 / domínio público


Foto: Elias Altmimi / domínio público

MATÉRIA 5 · INTRODUÇÃO

Ouro, sal *e livros*

Acima, Mansa Musa, rei do Mali, no Atlas Catalão (c. 1375). Abaixo, manuscritos de astronomia e matemática guardados em Timbuktu.

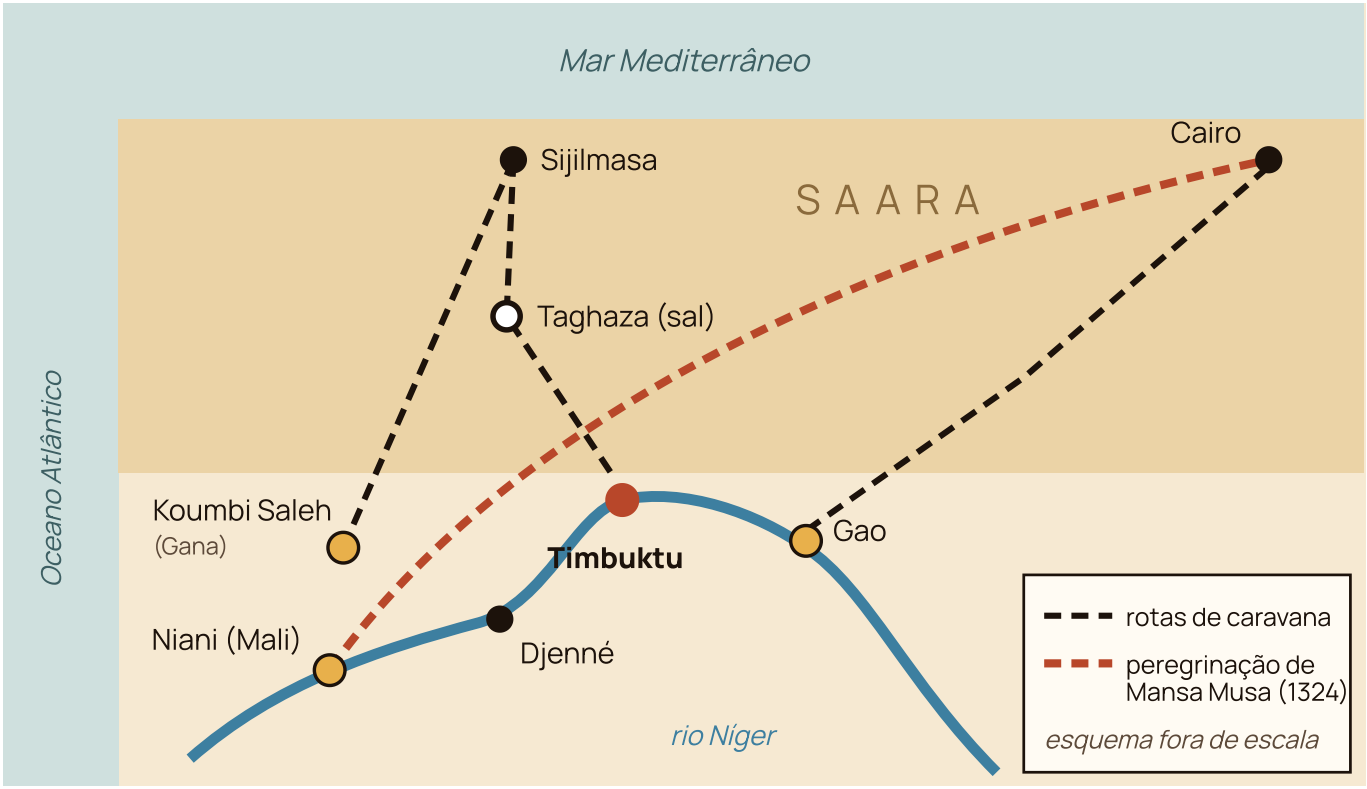
MATÉRIA 5 · INTRODUÇÃO

Ouro, sal e livros: *as rotas dos reinos africanos*



Adinkrahene: grandeza

Muito antes dos navios negreiros, a África Ocidental estava no centro de uma das maiores redes de comércio do mundo. Esta é a primeira parte de uma série.



Esquema simplificado da África Ocidental e das rotas transaarianas. Posições aproximadas, sem escala. Gao foi a capital do Songhai. O reino do Kongo ficava muito mais ao sul, na costa atlântica da África Central.

A lógica era simples e poderosa. Ao sul do Saara havia **ouro**, retirado das regiões de Bambuk e Buré, perto dos rios Senegal e Níger. No meio do deserto havia **sal**, cortado em blocos em minas como as de Taghaza. Ao norte, no Magrebe e no Egito, havia tecidos, cobre, cavalos e livros. Caravanas de camelos ligavam esses mundos.

Quem controlava os pontos de troca entre o deserto e a savana ficava rico. Foi assim que nasceram, um depois do outro, três grandes reinos: Gana, Mali e Songhai.

DE ONDE	O QUE CIRCULAVA NAS CARAVANAS
Sul do Saara	Ouro, marfim, noz-de-cola e também pessoas escravizadas, vendidas para o norte da África
Deserto	Sal em blocos, das minas como as de Taghaza
Norte da África	Tecidos, cobre, cavalos, contas, papel e livros

Gana, o "país do ouro"

O antigo Gana, também chamado Wagadu, ficava entre o sul da atual Mauritânia e o oeste do atual Mali, longe do país que hoje leva o mesmo nome. O geógrafo árabe al-Bakri, que escreveu em 1068, descreveu a capital como uma cidade dupla e um rei que controlava o comércio de ouro. Os arqueólogos associam essa capital ao sítio de Koumbi Saleh.

Mali e Mansa Musa

No século XIII, o Mali tomou o lugar de Gana. A tradição oral conta que Sundiata Keita fundou o império depois da batalha de Kirina, por volta de 1235. Os imperadores eram chamados de *mansa*.

O mais famoso foi Mansa Musa. Em 1324, a caminho de Meca, ele passou pelo Cairo com uma comitiva tão grande e tanto ouro que, segundo cronistas árabes da época, o valor do metal caiu na cidade. Na volta, levou sábios e arquitetos para o Mali. A mesquita de Djinguereber, em Timbuktu, é dessa época.

> *"As bibliotecas do Mali no Século XIV constituíam uma das maravilhas do seu tempo."*
>
> Mauricio Waldman, "As Magníficas Bibliotecas do Império do Mali", Portal Afro, 30/03/2016

Timbuktu, cidade de livros

Timbuktu ficava onde o deserto encontra o rio Níger: o camelo chegava até ali, e dali o barco seguia. A cidade virou mercado e também centro de estudo, com mesquitas e escolas como a de Sankoré. Milhares de manuscritos de astronomia, matemática, medicina, direito e história sobreviveram até hoje. A UNESCO reconhece Timbuktu como Patrimônio Mundial desde 1988.

Songhai, o maior de todos

A partir de Gao, às margens do Níger, os songhai cresceram no século XV. Sonni Ali tomou Timbuktu em 1468, e o império foi organizado por Askia Muhammad, que governou a partir de 1493. O Songhai controlou o comércio do Níger até ser derrotado por um exército marroquino com armas de fogo, na batalha de Tondibi, em 1591.

Kongo, na costa atlântica

Mais ao sul, na África Central, o reino do Kongo tinha capital em Mbanza Kongo, no norte da atual Angola. Sua economia usava conchas chamadas *nzimbu*, colhidas na ilha de Luanda, como moeda, e tecidos finos de ráfia como valor de troca. Quando os portugueses chegaram, em 1483, encontraram um reino organizado em províncias, com rei, conselho e cobrança de tributos. Mbanza Kongo é Patrimônio Mundial da UNESCO desde 2017. Muitos dos africanos trazidos ao Brasil vieram dessa região.

Por que isso importa

A ideia de uma África "sem história" foi construída para justificar a escravidão e a colonização. Conhecer Gana, Mali, Songhai e Kongo devolve aos afro-brasileiros uma herança de comércio, ciência e organização política. A próxima edição segue essa rota até a costa: Benim, Oyo e Daomé.

FONTES

1. UNESCO, Centro do Patrimônio Mundial: Timbuktu; Cidades antigas de Djenné; Mbanza Kongo.
2. UNESCO. *História Geral da África*, vol. IV: África do século XII ao XVI (ed. D. T. Niane). Brasília: UNESCO, 2010.
3. Mauricio Waldman. "As Magníficas Bibliotecas do Império do Mali". Portal Afro, 30/03/2016.



MATÉRIA 6 · ECONOMIA E HISTÓRIA

As *quitandeiras*

Mulheres negras vendendo frutas e quitutes, em gravura colorida da Coleção Brasiliana Iconográfica.

Imagem: Brasiliana Iconográfica / domínio público

MATÉRIA 6 · ECONOMIA E HISTÓRIA

Empreender para não ser preso: *a longa história do negócio negro*



Aya: resistência e perseverança

Hoje, a maioria dos donos de pequenos negócios do Brasil é negra. Para entender por quê, é preciso voltar a uma lei que mandava para a cadeia quem não tinha patrão.

52,3%
dos donos de pequenos negócios do Brasil são negros: 15,8 milhões de pessoas
Sebrae, a partir da PNAD Contínua/IBGE, 4º trimestre de 2025

56%
é quanto o empreendedor negro ganha, em média, do que ganha o branco
Sebrae, mesmo estudo

55,5%
da população brasileira é negra: 45,3% pardos e 10,2% pretos
IBGE, Censo 2022

Maioria nos negócios, minoria na renda

Um estudo do Sebrae publicado em maio de 2026, com dados do IBGE, mostra que os negros (pretos e pardos) já são 15,8 milhões de donos de negócio, ou 52,3% dos pequenos negócios do país. Os brancos são cerca de 14 milhões (46,4%). O rendimento médio do empreendedor negro subiu de R$ 2.115, em 2015, para R$ 2.601, em 2025, mas ainda corresponde a cerca de 56% da renda do empreendedor branco. Segundo o mesmo estudo, dois em cada três empreendedores negros são homens.

O peso econômico da população negra é grande. Uma pesquisa do Instituto Locomotiva feita em 2018 para o Instituto Feira Preta estimou a renda própria da população negra em R$ 1,7 trilhão por ano. Estudos posteriores do mesmo instituto falam em cerca de R$ 2 trilhões.

> *"De acordo com o Instituto Locomotiva, o mercado consumidor negro no Brasil movimenta cerca de dois trilhões de reais por ano."*
>
> Jader Nicolau Jr., "Empreendedorismo negro na estética: a proposta inovadora da Coopercrespos", Portal Afro, 21/01/2026

Por que tanta gente negra empreende, e por que ganha menos ao empreender? Parte da resposta está no século XIX.

A lei contra o "vadio"

Em 1830, o primeiro Código Criminal do Império já punia a vadiagem. O artigo 295 mandava prender quem não tomasse "uma occupação honesta, e util, de que passa subsistir", depois de advertido pelo juiz de paz e sem renda suficiente. A pena era de prisão com trabalho, de oito a vinte e quatro dias.

Dois anos depois da abolição, o Código Penal da República, de 1890, endureceu a regra. O **artigo 399** punia quem deixasse "de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida", sem meios de subsistência e "domicilio certo em que habite". A pena era de quinze a trinta dias de prisão celular. Logo depois, o artigo 402 criminalizava a capoeira, com até seis meses de prisão.

A CONTA NÃO FECHAVA

Em 1888, as pessoas ainda escravizadas foram libertadas sem terra, sem indenização e sem emprego garantido. Dois anos depois, a lei passou a punir exatamente quem não tinha emprego nem casa fixa.

> *"A Lei da Vadiagem criminalizava quem não possuísse emprego formal ou moradia fixa — condições quase impossíveis para a imensa maioria dos ex-escravizados."*
>
> Jader Nicolau Jr., com Clarice Tatyer, "Mônica Calazans: a voz da enfermagem e a força da maternidade solo no Brasil", Portal Afro, 12/09/2026

Na prática, a polícia abordava homens negros nas ruas e exigia prova de trabalho. Sem carteira, sem patrão e sem endereço, ir preso era um risco diário. A vadiagem continuou na lei: em 1941, a Lei das Contravenções Penais manteve, no artigo 59, a punição para quem se entrega "habitualmente á ociosidade", com prisão de quinze dias a três meses. Esse artigo ainda consta da lei em vigor.

Empreender como saída

Quem era empurrado para fora do emprego formal precisava inventar o próprio trabalho: vender na rua, cozinhar para fora, costurar, lavar roupa, cortar cabelo, consertar, carregar. Era o mesmo saber dos ganhadores e das ganhadeiras de 1857 (matéria 4), agora sem patrão nenhum. Mas o negócio informal também podia ser visto como "vadiagem", e isso tornava a vida de quem empreendia ainda mais arriscada.

É por isso que a alta presença negra entre os donos de negócio não deve ser lida só como "vocação". Em grande parte, é a herança de uma porta fechada.

A VADIAGEM NA LEI BRASILEIRA

1830
Código Criminal, art. 295: prisão com trabalho, de 8 a 24 dias

1890
Código Penal, art. 399: prisão celular, de 15 a 30 dias

1941
Contravenções Penais, art. 59: prisão simples, de 15 dias a 3 meses. Ainda na lei.

As mulheres que seguraram a casa

Enquanto a polícia mirava os homens negros, as mulheres negras eram absorvidas pelo trabalho doméstico, pela lavagem de roupa e pelo comércio de rua. Quando o marido era preso, ou precisava ir embora para outra cidade atrás de trabalho, era ela quem sustentava os filhos. Muitas se tornaram, ao mesmo tempo, chefes de família e empreendedoras: quituteiras, quitandeiras, costureiras, lavadeiras.

> *"Elas continuaram ocupando o trabalho doméstico, a lavagem de roupas e o comércio ambulante (ganhadeiras)."*
>
> Jader Nicolau Jr., com Clarice Tatyer, Portal Afro, 12/09/2026 (link na p. 18)

Essa história aparece nos números de hoje. Pelo Censo 2022 do IBGE, citado pelo Portal Afro, as mulheres são responsáveis por 49,1% dos domicílios do Brasil, cerca de 35,6 milhões de lares. Dentro desse grupo, 10,3 milhões de lares são de mulheres sem cônjuge e com filhos.

No empreendedorismo, a presença da mulher negra também é forte. Um levantamento da plataforma MaisMei, publicado pelo Portal Afro em 2024, mostrou que 53,9% das microempreendedoras individuais (MEI) usuárias do aplicativo se declaravam negras. A Rede Mulher Empreendedora, que reúne 2,2 milhões de mulheres, informa que 60% delas são negras.

> *"Empreender, especialmente para mulheres negras, não é uma alternativa, é a única"*
>
> Ana Fontes, fundadora da Rede Mulher Empreendedora, a Lidia Santos, "Ana Fontes, da Rede Mulher Empreendedora", Portal Afro, 11/11/2026

O que muda quando se sabe disso

Para quem apoia o afroempreendedorismo, essa história mostra que não basta oferecer curso de gestão. O que falta, desde o século XIX, é patrimônio, crédito, rede de contatos e segurança para crescer. O Sebrae aponta que a renda do empreendedor negro ainda é pouco mais da metade da do branco. Fechar essa diferença é trabalho de política pública e também de quem compra, contrata e investe.

ONDE BUSCAR APOIO

O Portal Afro reuniu os principais programas federais para a população negra, quilombola e afroempreendedora: o Programa Federal de Ações Afirmativas (PFAA), o Aquilomba Brasil (Decreto nº 11.447/2023), o acesso de comunidades quilombolas ao Pronaf A e editais de economia criativa. Leia em "Políticas públicas para população negra, quilombola e afroempreendedores", de Mariana Nascimento (10/11/2025). Para capacitação, procure também o Sebrae do seu estado e a Rede Mulher Empreendedora.

FONTES

1. Márcia Lopes. "Escolaridade maior, avanço dos 60+ e alta no rendimento médio: veja perfil do empreendedor negro no Brasil". Agência Sebrae, 04/05/2026 (estudo "Empreendedorismo Negro no Brasil sob a ótica da PNAD Contínua").
2. IBGE. "Censo 2022: pela primeira vez desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda". Agência IBGE Notícias, 22/12/2023.
3. "População negra movimenta R$ 1,7 trilhão no Brasil, revela pesquisa do Instituto Locomotiva". Correio Braziliense, Blog do Servidor.
4. Brasil. Código Criminal do Império (1830), arts. 295-296; Código Penal de 1890 (Decreto 847), arts. 399 e 402; Lei das Contravenções Penais (Decreto-Lei 3.688/1941), art. 59.
5. Clarice Tatyer. "Mulheres negras são maioria entre microempreendedoras brasileiras". Portal Afro, 08/03/2024.
6. Matérias do Portal Afro citadas no texto, com link.



MATÉRIA 7 · AS LEIS QUE ESCOLHERAM QUEM TERIA CHANCE

A viagem *paga*

Imigrantes europeus no pátio central da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, por volta de 1890. Foto de Guilherme Gaensly.

Foto: Guilherme Gaensly / domínio público (Memorial do Imigrante)

MATÉRIA 7 · AS LEIS QUE ESCOLHERAM QUEM TERIA CHANCE

Terra para uns, *cadeia para outros*



Eban: a cerca, a segurança do lar

No mesmo século em que o Brasil prendia o negro sem patrão, o Estado pagava a viagem do imigrante europeu. Não foi coincidência: foi política.

1850: o ano em que a terra virou mercadoria

Em 4 de setembro de 1850, a Lei Eusébio de Queirós proibiu o tráfico de africanos escravizados pelo Atlântico. Duas semanas depois, em 18 de setembro, veio a Lei de Terras (Lei nº 601). O artigo 1º diz: "Ficam prohibidas as acquisições de terras devolutas por outro titulo que não seja o de compra."

Na prática, a terra sem dono só podia ser obtida com dinheiro. Quem não tinha capital, como os africanos e seus descendentes, escravizados ou libertos, ficou de fora. E a mesma lei dizia para onde ia o dinheiro da venda das terras. O artigo 18 autorizava o governo a trazer, todos os anos, "á custa do Thesouro certo numero de colonos livres", e o artigo 19 mandava usar o produto da venda das terras na "importação de colonos livres".

EM RESUMO

O dinheiro da terra que o negro não podia comprar serviu para trazer o trabalhador que viria substituí-lo.

A imigração paga

Antes disso, o Império já havia criado colônias com imigrantes alemães, como São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 1824, com distribuição de lotes de terra. No fim do século, o centro da política passou a ser o café paulista. Em 2 de julho de 1886, fazendeiros fundaram em São Paulo a Sociedade Promotora de Imigração, que organizava a vinda de famílias europeias com passagens pagas. Pesquisas da PUC-SP mostram que o dinheiro desses contratos saía dos cofres públicos.

Os italianos formaram o maior grupo de imigrantes da virada do século XIX para o XX, seguidos por portugueses e espanhóis. Os japoneses começaram a chegar em 1908.

DOIS CAMINHOS NO MESMO CALENDÁRIO

1824 — Colônia alemã de São Leopoldo, com lotes de terra

1850 — Fim do tráfico atlântico e Lei de Terras

1886 — Sociedade Promotora de Imigração

1888 — Lei Áurea, sem terra nem reparação

1890 — Decreto 528 e art. 399 do Código Penal

Porta aberta, com exceção

Em 28 de junho de 1890, o governo da nova República publicou o Decreto nº 528. O artigo 1º declarava "inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho", mas com uma exceção: "exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa", que só poderiam entrar "mediante autorização do Congresso Nacional".

A escolha de quem podia entrar fazia parte da chamada **política de branqueamento**: a ideia, defendida por políticos e intelectuais da época, de que a população brasileira deveria ficar cada vez mais branca com a chegada de europeus.

> *"É sabido, a segregação encontra apoio no reinado secular do racismo na história brasileira, com a ideologia do branqueamento ocupando posição de proa."*
>
> Mauricio Waldman, "Milton Santos: Notas sobre o Racismo Estrutural Brasileiro", Portal Afro, 10/04/2016

A padaria, a cantina, o pastel

Nas cidades, muitos imigrantes abriram comércios: a padaria do português, a cantina e a mercearia do italiano, a fábrica de família alemã. Mais tarde, famílias chinesas e de outras origens asiáticas também ocuparam o comércio urbano. Isso exigiu trabalho duro, e essas histórias merecem respeito. Mas muitas dessas famílias contaram com passagem paga, contratos de trabalho, associações de ajuda mútua e, em parte dos casos, acesso a terra e a crédito.

O ponto não é comparar sofrimento. É mostrar que o ponto de partida foi desenhado por lei.

	IMIGRANTE EUROPEU SUBSIDIADO	PESSOA NEGRA LIBERTA
Viagem	Passagem paga com dinheiro público (Lei de Terras, art. 18; Sociedade Promotora, 1886)	Trazida à força pelo tráfico; nenhuma reparação após 1888
Terra	Lotes em núcleos coloniais em parte dos casos	Só por compra, desde 1850 (Lei de Terras, art. 1º)
Entrada no país	Livre (Decreto 528/1890)	Africanos dependiam de autorização do Congresso (Decreto 528/1890)
Trabalho	Contrato com fazendeiros e comércio	Sem emprego formal, risco de prisão por vadiagem (Código Penal de 1890, art. 399)

FONTES

1. Brasil. Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850 (Lei de Terras), arts. 1º, 18 e 19. Planalto.
2. Brasil. Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890, art. 1º. Câmara dos Deputados.
3. "'Braços para a lavoura': a subvenção paulista para imigração (1886-1896)". Revista Cordis, PUC-SP.
4. "Público e privado nas sociedades de imigração: o caso da Sociedade Promotora de Imigração (1886-1895)". Revista Sociedade em Debate, UCPel.
5. Mauricio Waldman. "Milton Santos: Notas sobre o Racismo Estrutural Brasileiro". Portal Afro, 10/04/2016.

SEÇÃO PARA EMPRESAS

As leis acabaram. *As estruturas ficaram.*



Akoma: paciência, sem deixar de cobrar

Um resumo do que as matérias 4, 6 e 7 mostram, para quem decide numa empresa.

A LEI	O QUE ELA CRIOU	O QUE ISSO VIRA HOJE
Postura de 1857 (Salvador)	Registro, imposto e chapa no pescoço para o trabalhador negro	Vigilância maior sobre trabalhadores negros
Lei de Terras, 1850	Terra só por compra; dinheiro das terras para trazer colonos	Patrimônio e herança concentrados; menos garantia para crédito
Vadiagem, 1830 e 1890	Prisão para quem não tinha emprego nem endereço	Informalidade, negócios menores e renda 44% menor que a do empreendedor branco
Decreto 528, 1890	Porta aberta para europeus, fechada para africanos	Redes de contato e de negócio que ainda passam pelas mesmas famílias

Seis perguntas para fazer dentro de casa

- **Quem lidera?** Quantas pessoas negras estão na diretoria e na gerência, e não só no atendimento?
- **De quem compramos?** Quanto do orçamento de compras vai para fornecedores negros e afroempreendedores?
- **Quanto pagamos?** Existe diferença de salário entre pessoas negras e brancas no mesmo cargo?
- **Quem tem crédito?** Se a empresa financia ou investe, olha para quem não tem herança para dar de garantia?
- **O ano todo?** A pauta racial tem orçamento e meta, ou aparece só em novembro?
- **Quem conta a história?** A comunicação é feita com profissionais negros, ou só sobre eles?

> *"Para Biko, inclusão sem redistribuição de poder é apenas maquiagem."*
>
> Mariana Nascimento, "O que não é Consciência Negra", Portal Afro, 20/11/2025

O Instituto Portal Afro oferece patrocínio de especiais, séries da Web TV, encontros e letramento racial para equipes, com o acervo como material. Saiba mais em portalafro.com.br/para-empresas.



NOVEMBRO NEGRO 2026

Novembro *é negro*

Marcha da Consciência Negra em São Paulo, em 2014.

Foto: Romerito Pontes / CC BY 2.0

NOVEMBRO NEGRO 2026

Agenda *do mês*

Tema nacional: "Brasil pela Igualdade Racial: o legado para o futuro". Datas anunciadas pelo Ministério da Igualdade Racial e por organizadores locais. Confirme horários e locais nos canais oficiais.

3 nov TERÇA
Abertura oficial do Novembro Negro
Brasília. Lançamento da 4ª edição do Mapa do Brasil pela Igualdade Racial.

12 nov QUINTA
Planos de ação do Programa Federal de Ações Afirmativas
Lançamento previsto pelo MIR.

16 a 21 NOVEMBRO
Virada da Consciência 2026
São Paulo. Universidade Zumbi dos Palmares e Afrobras. Inclui o 26º Troféu Raça Negra.

18 e 19 NOVEMBRO
Festival Juventude Negra Viva
E o Seminário Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e de Terreiro.

19 nov QUINTA
Audiência pública do 2º Planapir
Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial.

20 nov SEXTA · FERIADO
Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra
Marchas confirmadas em Jundiaí, Araraquara, Limeira e São Carlos (SP). Corrida e Caminhada da Consciência Negra no Pacaembu, em São Paulo, às 7h. Veja a matéria 3.

23 a 25 NOVEMBRO
Conferência Global de Afroturismo
Destaque internacional da programação do MIR.

26 nov QUINTA
Pacote de iniciativas para comunidades quilombolas
Lançamento previsto. O detalhamento não havia sido divulgado no anúncio da agenda.

27 nov SEXTA
100ª reunião do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial
E lançamento da Galeria de ex-ministras e ex-ministros da Igualdade Racial.

FONTES Mariana Nascimento, "Novembro Negro 2026: confira a programação do Ministério da Igualdade Racial", Portal Afro, 02/11/2026; Notícia Preta, 04/11/2026; Mundo Negro, 11/11/2026; e as fontes da matéria 3 (p. 11).

PARA CONTINUAR LENDO

Leia no *acervo do Portal Afro*

As matérias do portalafro.com.br que alimentaram esta edição. Toque no título para abrir.

Novembro Negro 2026: a programação do Ministério da Igualdade Racial
Mariana Nascimento · 02/11/2026

Ana Fontes: "Para mulheres negras, empreender não é uma alternativa, é a única"
Lidia Santos · 11/11/2026

Mônica Calazans: a voz da enfermagem e a força da maternidade solo
Jader Nicolau Jr., com Clarice Tatyer · 12/09/2026

A verdadeira história do dia 13 de maio
Barbara Nascimento · 17/05/2026

Abolição da escravidão 4 anos antes da Lei Áurea: 25 de março de 1884
Mariana Nascimento · 25/03/2026

Empreendedorismo negro na estética: a Coopercrespos
Jader Nicolau Jr. · 21/01/2026

Marchas da Consciência Negra e a trajetória do povo preto no Brasil
Jader Nicolau Jr. · 12/12/2025

O que não é Consciência Negra
Mariana Nascimento · 20/11/2025

Políticas públicas para população negra, quilombola e afroempreendedores
Mariana Nascimento · 10/11/2025

O Dia Depois do 13 de Maio
Denilson de Paula Costa · 13/05/2025

O Negro na Labuta no Feriado de 20 de novembro
Denilson de Paula Costa · 18/11/2024

Mulheres negras são maioria entre microempreendedoras brasileiras
Clarice Tatyer · 08/03/2024

A grade do meu portão
Denilson de Paula Costa · 29/01/2024

Dia da Consciência Negra é sancionado como feriado estadual em São Paulo
Clarice Tatyer · 22/09/2023

Lélia Gonzalez: uma das principais vozes do feminismo negro
Portal Afro

Marcha das Mulheres Negras toma as ruas pelo terceiro ano consecutivo
Jader Nicolau Jr. · 24/07/2018

Milton Santos: notas sobre o racismo estrutural brasileiro
Mauricio Waldman · 10/04/2016

As magníficas bibliotecas do Império do Mali
Mauricio Waldman · 30/03/2016

O ACERVO EM NÚMEROS

2000
o portal no ar

2004
fundação do Instituto

1.277
matérias no acervo, segundo a página Para empresas

500+
vídeos na Web TV, no YouTube

Fonte: portalafro.com.br/para-empresas, consultada em 13/11/2026.



QUILOMBO PORTAL AFRO HUB

Comunidade é *quilombo*

Jovens no Parque Memorial Quilombo dos Palmares, no Dia da Consciência Negra.

Foto: Ministério da Cultura / CC BY 2.0

QUILOMBO PORTAL AFRO HUB

Pertencer *é só o começo*

O Quilombo Portal Afro Hub é a área de conexão do Instituto entre as redes da diáspora africana e a África, os empreendedores e os afronegócios. A ideia é fazer o dinheiro e o conhecimento circularem entre nós.

1
Ubuntu
Eu pertenço. Matérias no WhatsApp, grupos e encontros.

2
Raiz
Eu crio raízes. Vozes, mutirões do acervo e rodas.

3
Sankofa
Eu conheço para avançar. Cursos, trilhas e o acervo como escola.

4
Baobá
Eu cresço e dou frutos. Rede, rodadas, indicações e marketplace.

5
Legado
Eu deixo caminhos. Padrinhos, madrinhas e quem financia o próximo ciclo.

Esta revista é sua

O Portal Afro Hub sai toda semana. Cada edição vai trazer uma matéria de capa, uma linha do tempo, um pedaço da história africana, números do afroempreendedorismo e a agenda da semana, sempre com fontes.

Mande sua pauta. Sabe de uma marcha, uma feira, uma roda ou uma história que precisa ser contada? Escreva para a redação em portalafro.com.br/mande-sua-materia.

Doe memória. Fotos, cartas e jornais antigos da sua família podem entrar no acervo, com crédito.

Apoie o Portal Afro

O portal é aberto para todo mundo. Quem mantém isso de pé é quem acredita: um apoio de uma vez, um apoio todo mês ou uma empresa que assume um projeto. Saiba como em portalafro.com.br/apoie.

NA PRÓXIMA EDIÇÃO

O balanço das marchas do 20 de novembro de 2026, com o que for registrado. A rota do ouro chega à costa: os reinos do Benim, de Oyo e do Daomé. E mais histórias do acervo.

COMO FIZEMOS ESTA EDIÇÃO

Pesquisamos o acervo do portalafro.com.br e fontes públicas (leis no Planalto e na Câmara, IBGE, Sebrae, Agência Senado, UNESCO, imprensa). Citações do acervo têm no máximo duas frases, com autor, data e link. Quando um dado não existe ou não pôde ser confirmado, a revista diz isso.



Volte e pegue o que ficou para trás.
E siga em frente.

Sankofa, símbolo adinkra dos povos akan
Portal Afro Hub · Edição nº 0 · Novembro Negro 2026 · Até a próxima semana

Leia no portalafro.com.br

Apoie o Portal Afro

instituto portalafro

portalafro.com.br · instagram.com/portalafro · youtube.com/@PortalAfro